



OS JOVENS E O PARADOXO DAS OPORTUNIDADES EM CABO VERDE

Filipe Martins¹

RESUMO:

Partindo de dados etnográficos recolhidos na cidade do Mindelo, Cabo Verde, este texto propõe uma análise que coloca a categoria de “jovens” como eixo de compreensão das estruturas sociais contemporâneas e das suas transformações e continuidades. São confrontados os discursos dominantes sobre os jovens com os discursos dos próprios jovens, sobressaindo uma visão paradoxal das oportunidades disponíveis, que parecem crescer e ao mesmo tempo permanecem escassas. Propõe-se uma interpretação deste paradoxo à luz de uma etnografia que revela os jovens como actores sociais e que dá conta dos seus constrangimentos, das suas expectativas face ao futuro e das suas opções de vida. Esta análise permite apontar uma explicação geracional e histórica para o aparente paradoxo das oportunidades e realçar a ambiguidade e incerteza associadas à condição juvenil em Cabo Verde.

Palavras-chave: Juventude; Cabo Verde; oportunidades; gerações; incerteza.

YOUNG PEOPLE AND THE PARADOX OF OPPORTUNITIES IN CAPE VERDE

ABSTRACT:

Based on ethnographic data collected in the city of Mindelo, Cape Verde, this paper proposes an analysis that focuses the category of "young" as the axis for understanding the contemporary social structures, their changes and continuities. The dominant discourses about young people are confronted with the discourse of young people themselves, highlighting a paradoxical vision of the opportunities available, which seem to grow and at the same time remain scarce. In the context of the recent changes in Cape Verdean society, it is proposed an interpretation of this paradox in light of an ethnography that shows young people as social actors and that takes into account their constraints, their expectations towards the future and their life choices. This analysis allows a generational and historical explanation for the apparent paradox of opportunities and highlights the growing ambiguity and uncertainty associated with the condition of youth in contemporary Cape Verde.

Keywords: Youth; Cape Verde; opportunities; generations; uncertainty.

¹ Doutorando no Instituto Universitário de Lisboa – Departamento de Antropologia; professor na Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico do Porto; investigador no Centro em Rede de Investigação em Antropologia e no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (Portugal). Endereço eletrónico: filipemartins79@gmail.com



Nunca houve tantas oportunidades para os jovens em Cabo Verde, o problema é que os jovens não as querem aproveitar porque estão interessados em fazer outras coisas.

Sidónio Monteiro
Ministro da Juventude e Desportos
em declarações à TCV por ocasião do Dia Mundial da Juventude (12/08/2009)²

Comentários (no blog):

Mr. Sit Down, vai aqui uma mensagem para ti (...) Sou jovem, nunca fizeste nada por mim. Nem tu, nem a oposição, nem a situação (talvez nem os outros que hão de vir). Aliás fizeram sim, só asneiras. Vai mais é p..c.....com as tuas insanidades(sim, leste bem). (...) Pessoas como tu que tiveram essa pasta na mão deviam ficar contentes pela dinâmica que nós jovens temos neste país das bananas (desculpem lá patrícios).

No outro dia eu dizia a um amigo meu que muitos da vossa geração sr. sitdown, não querem (porque não querem) passar a tocha para os mais novos. Mas não te preocupes, nem te incomodes. Vamos nos encarregar de toma-la a força se é isso que queres (estilo caçu).

Talvez os jovens deste país deviam architectar um golpe de estado. Só desta forma seriam respeitados e levados a sério por in consequentes como vocês. Sim, só isso poderia te convencer que os jovens do país tem capacidade, tem feito e vão sempre fazer pelo país. Até parece que sempre foste este velho rabugento e nunca foste da minha idade.

Olhe que as eleições vêm aí e tu de certeza pagarás por isso. Falei e disse. Agora mexe os teus pauzinhos para veres que não dá em nada mexer neles. Comigo não podes. Sabes muito bem. E mais! Tenho coleções jovens o suficiente para assinar por baixo,

G.Silva

*Nunca houve tantas oportunidades *(de entrar no narcotráfico, prostituição, delinquência, etc) para os jovens em Cabo Verde, o problema é que os jovens não as querem aproveitar porque estão interessados em fazer outras coisas (tais como esperar que oS governoS pensem neles) "*

Macna de Cafe

Eu só tenho um único comentário a fazer sobre essa informação: pimenta nos olhos dos outros é refresco!

Pois é, é fácil crescer viver como jovem, tendo os papás como Ministro/a das não-sei-quantas. Aí não faltam opções: vida boa, carro aos 16 anos, dinheiro na bolso pa paródia, gajas/os boas, e no fim a cereja em cima do bolo, um belo curso superior com boa bolsa e um futuro emprego garantidíssimos. Esse senhor que me pergunte em que condições cresci e estudei que lhe dava uma bela resposta!

Malaguitinha

² Fonte: <http://cafemargoso.blogspot.com/2009/08/sms-declaracao-cafeana.html>
(acedido a 14/08/2009)

1 Introdução

Actualmente a ideia de oportunidades é recorrente nos discursos sobre os jovens e nos discursos dos próprios jovens em Cabo Verde. Escutando diversos profissionais que trabalham com jovens, professores, técnicos de acção social, psicólogos ou responsáveis de instituições educativas, sobressai uma visão negativa sobre a juventude. Indolentes, ociosos, irresponsáveis, sem regras e sem objectivos, são algumas das ideias mais recorrentes, compondo um quadro em que os jovens parecem não querer aproveitar as crescentes oportunidades que lhes são oferecidas. Porém, dando a voz aos próprios jovens é exactamente a noção de ausência de oportunidades que mais se destaca. Questionados sobre os obstáculos que encontram nos seus percursos de vida, invariavelmente a expressão “falta de oportunidades” é evocada. Qual o significado desta contradição? Este aparente paradoxo entre crescentes oportunidades e crescente falta delas torna um olhar sobre os jovens e sobre a categoria de “juventude” num enfoque privilegiado para uma análise sobre a sociedade cabo-verdiana contemporânea, suas transformações e suas continuidades.

Os dados e reflexões aqui apresentados fazem parte de uma pesquisa aprofundada sobre a realidade vivida pelos jovens em contexto urbano em Cabo Verde e as vias pelas quais eles imaginam, negociam e constroem os seus percursos de vida. Esta pesquisa teve um carácter eminentemente etnográfico, tendo sido complementada por um inquérito por questionário de cariz exploratório administrado a 197 jovens, pela recolha de entrevistas semi-estruturadas a diversos actores locais a trabalhar com jovens e ainda pela recolha de histórias de vida a 22 jovens (9 raparigas e 13 rapazes entre os 16 e os 32 anos de idade)³. Dada a crescente urbanização do país, o local seleccionado para a pesquisa foi a cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, o segundo maior pólo urbano do arquipélago com de 70.468 habitantes⁴. A etnografia, realizada ao longo de 8 meses de residência na cidade (descontínuos, entre Abril de 2008 e Março de 2009), teve como ponto de ancoragem uma associação juvenil sedeadada e com intervenção em duas zonas da periferia sudeste da cidade. Partindo deste contexto foi possível estabelecer relações aprofundadas com um conjunto

³ Foi tomada como referência para a juventude a faixa etária entre os 15 e os 35 anos de idade, em linha com aquela apontada pelo Governo de Cabo Verde no documento *Sessão do Conselho de Ministros Dedicada à Juventude: Documento Estratégico*, Praia, 2002.

⁴ Dados do relatório preliminar do Censo 2010, INE 2010 (www.ine.cv/, acessado a 09/11/10).

diversificado de jovens dessas zonas – zonas de habitação maioritariamente espontânea e com uma população pertencente aos estratos socioeconómicos médio e baixo – assim como contactar outros jovens, organizações, profissionais e instituições da cidade e do país.

2 Paradoxo de oportunidades numa sociedade em transformação

Na abordagem etnográfica inicial revelou-se incontornável o desencontro entre os discursos sobre os jovens e os discursos dos próprios jovens, entre as oportunidades que aumentam e as oportunidades que faltam. Impunha-se então a pergunta: oportunidades para quê? A resposta recolhida foi a mesma, quer entre adultos e instituições – que evocam as “oportunidades crescentes” – quer entre os jovens – que apontam para as “oportunidades ausentes”. Ambos se referem essencialmente a oportunidades de educação e de formação, oportunidades de emprego ou de criação de um negócio, oportunidade de obter uma habitação própria, oportunidades de criação de uma família, oportunidades de expressão e de desenvolvimento individual e colectivo. Assim, paradoxalmente, todas estas oportunidades parecem crescer e ao mesmo tempo parecem escassear actualmente em Cabo Verde. Como se explica este “paradoxo das oportunidades”?

Nas últimas décadas, após a independência nacional (a 5 de Julho de 1975), Cabo Verde tem vindo progressivamente a registar melhorias substanciais em múltiplos indicadores de desenvolvimento, sejam eles relativos ao crescimento económico e ao rendimento *per capita*, à literacia e ao acesso à educação básica e secundária pública (mais recentemente também à educação superior), à saúde pública e ao acesso a cuidados de saúde básica, ao desenvolvimento de infra-estruturas de transporte e comunicação, ao desenvolvimento do sector da administração pública e ao sector empresarial e de mercado, ou ainda à criação e estabilidade de um sistema político de democracia parlamentar (desde 1991) e à organização e mobilização de diversos sectores da sociedade civil⁵.

Em pouco mais de três décadas registou-se uma viragem liberal no país (mais expressiva após a abertura política de 1991), alinhada com as agendas das grandes organizações internacionais e sustentada pela ajuda destas, tendo como corolário o rápido desenvolvimento de uma economia de mercado essencialmente assente nos sectores do

⁵ Para uma visão geral da evolução destes indicadores ver perfil de Cabo Verde do Banco Mundial (<http://devdata.worldbank.org/external/CPPProfile.asp?CCODE=CPV&PTYPE=CP> acesso a 09 Novembro 2010) e do African Development Bank Group (<http://www.afdb.org/en/countries/west-africa/cape-verde/> acesso a 09 Novembro 2010).

comércio e serviços e em particular no turismo internacional. Paralelamente, num estado sem recursos naturais, os consecutivos governos desde a independência têm assumido como estratégia basilar de desenvolvimento o investimento no capital humano. Desde Amílcar Cabral (fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde, em 1960) a José Maria Neves (actual Primeiro-ministro de Cabo Verde) que a educação e a formação se tornaram centrais nas opções políticas nacionais. E com efeito desde a década de 1990 em Cabo Verde o acesso ao ensino básico é virtualmente universal e o acesso ao ensino secundário, que no período colonial estava apenas à disposição de uma minoria de famílias ligadas ao comércio ou à administração, tem nos últimos anos crescido exponencialmente, hoje com pelo menos um liceu em cada concelho do país e com a maioria dos jovens possibilitados de o frequentar.

Num território como Cabo Verde – marcado pela escassez de recursos naturais, por recorrentes períodos de seca e fome e onde centenas de anos sob o domínio colonial português, caracterizado pelo abandono e sub-investimento, nunca lograram inverter o quadro de pobreza crónica que afectava a maioria da população – estas recentes e rápidas mudanças não puderam deixar de ter um impacto importante. A crescente acessibilidade a oportunidades de educação e formação, acompanhada pela também crescente disponibilidade de bens e serviços de consumo e uma maior facilidade de conexão global através dos meios de transporte e das telecomunicações, inevitavelmente alteraram as referências socioculturais disponíveis. Consequentemente as aspirações e as ambições de vida da generalidade da população aumentaram de forma acentuada. Importa porém perceber se tais aspirações encontram possibilidades de concretização na realidade social contemporânea de Cabo Verde.

Com efeito, acompanhando as transformações descritas, outras mudanças ocorreram. Desde logo ao nível demográfico o país registou um crescimento muito intenso nas últimas décadas, com uma população que cresceu de 202.000 habitantes em 1960⁶ para 491.575 em 2010⁷. Este crescimento foi acompanhada por uma juvenilização da população, sendo que actualmente 54,4% dos habitantes de Cabo Verde têm menos de 25 anos de idade e 70,4% tem menos de 35 anos⁸. Paralelamente, num país com uma forte tradição

⁶ FAOSTAT, 2008 (<http://faostat.fao.org/site/550/DesktopDefault.aspx?PageID=550#ancor> acesso em 09 Novembro 2010).

⁷ Dados do relatório preliminar do Censo 2010, INE 2010 (www.ine.cv/, acesso em 09 Novembro 2010).

⁸ *Ibid.*

rural, hoje 62% da população reside em núcleos urbanos⁹. Estes factores demográficos têm inevitavelmente como resultado uma forte pressão juvenil no espaço socioeconómico e cultural do país, com especial expressão nos seus principais centros urbanos.

Não obstante o aumento significativo da oferta educativa no sector público, actualmente a procura dos jovens suplanta a oferta ao nível do ensino secundário e em particular no ensino superior. O sistema de ensino secundário público encontra-se sobrelotado e vê-se obrigado a recorrer a estratégias de exclusão de alunos através da imposição de idades máximas e de um limite máximo de duas reprovações em cada ciclo de ensino. Tais medidas têm levado à proliferação de escolas secundárias privadas, mas cujas propinas representam um encargo bastante pesado ou mesmo incomportável para muitas famílias pobres. No ensino superior, embora tenha havido um incremento recente do número de universidades e de cursos disponíveis no país, a diversidade de opções em território nacional continua reduzida face às aspirações dos jovens. Paralelamente verifica-se um decréscimo das bolsas de estudo oferecidas pelo Estado para estudar no estrangeiro e nas universidades nacionais o valor das propinas, mesmo na universidade pública, está fora das possibilidades de uma larga maioria de famílias. Não obstante, crescem no país as ofertas formativas em universidades privadas, assim como os empréstimos bancários aos estudantes, tal é a aspiração dos jovens e das famílias actualmente para a obtenção de qualificações superiores. Face a este quadro, o discurso oficial actual tende a valorizar a formação profissional técnica, mas este é ainda um sector frágil, descoordenado e desvalorizado socialmente.

Por seu lado, mesmo se o sector económico tem vindo a expandir-se significativamente nas últimas décadas, o mercado de trabalho no país continua reduzido face à pressão demográfica. A falta de emprego marca de forma profunda a sociedade cabo-verdiana, tornando-se num dos seus problemas sociais mais expressivos. No espaço de uma geração verificou-se uma passagem de um contexto em que um diplomado do liceu tinha assegurada uma integração nos quadros da administração pública ou do sistema de educação, para a realidade actual em que um crescente número de jovens mesmo com qualificações universitárias, adquiridas tanto no país como no estrangeiro, não tem garantias de inserção profissional. Com efeito, o desemprego em Cabo Verde afecta maioritariamente os jovens urbanos (42,4% na população entre 15 e 24 anos de idade e 21,4% na população

⁹ *Ibid.*

entre os 25 e os 34 anos de idade em meio urbano)¹⁰ mesmo entre os licenciados (21,8% para a população activa de 15 e mais anos)¹¹, e muitos são obrigados a prolongar por muitos anos uma situação de dependência económica face aos familiares (que residem no país ou no estrangeiro) ou a ingressar num ciclo de trabalho precário, informal e muito mal remunerado.

Num quadro em que a economia nacional permanece altamente dependente da ajuda internacional e das remessas dos emigrantes, em que a produtividade local é baixa e a maioria dos bens é importada, o custo de vida torna-se extremamente elevado face aos rendimentos da maioria da população, levando a um aumento das desigualdades sociais (Laurent e Furtado, 2008). Por outro lado, a frágil economia nacional é incapaz de sustentar um sistema de protecção social que apoie eficazmente os grupos mais desfavorecidos da sociedade, entre os quais se encontram os jovens. Assim instala-se em Cabo Verde uma marcada desadequação entre o elevado custo de vida e o reduzido valor das remunerações médias praticadas e dos apoios conferidos, sendo a crescente vulnerabilidade económica de muitos jovens a sua mais clara expressão.

Durante centenas de anos, face às precárias possibilidades de subsistência no arquipélago, a alternativa encetada por muitos dos seus habitantes foi a procura de melhores condições de vida noutros locais do mundo, originando assim um padrão de emigração que se reproduziu ao longo das gerações. Tal dinâmica levou a que hoje sejam mais os nacionais cabo-verdianos a viver no estrangeiro do que aqueles que residem no território nacional. Contudo também nesta alternativa de “fazer a vida” (Akersson, 2004) se verificaram mudanças recentes. Num contexto de endurecimento das políticas imigratórias dos países europeus e norte-americanos, as possibilidades de emigrar para estes destinos mais afluentes foram enormemente reduzidas através da complexificação dos procedimentos de obtenção de vistos e pelo recrudescimento da vigilância e policiamento das fronteiras. Em Cabo Verde, como noutros locais do mundo, rompeu-se assim uma das estratégias mais importantes de subsistência e de mobilidade social, assente na mobilidade internacional. Como afirma Carling (2002), cresce o fosso entre a “aspiração” para emigrar, que se mantém ou até aumenta, e a “capacidade” real para tal, que vem diminuindo

¹⁰ Inquérito ao Emprego 2008, IEFP e INE (http://www.iefp.cv/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=22&&Itemid=53 acesso em 09 Novembro 2010).

¹¹ *Ibid.*

principalmente para os mais pobres – os que mais dependeriam dela – configurando-se na contemporaneidade aquilo que o autor designa de uma “era da imobilidade involuntária”.

O lugar paradoxal da juventude

No contexto das mudanças descritas, os jovens foram conquistando nas últimas décadas um novo lugar na sociedade cabo-verdiana, mas um lugar de natureza paradoxal. Cresceram, de facto, as oportunidades de realização dos jovens nos domínios da educação, da comunicação, do consumo e do lazer. Contudo, face à pressão demográfica, os frágeis sistemas económico, educativo e de protecção social do país ainda não foram capazes de responder às aspirações de grande parte da juventude de obtenção de um emprego estável, de uma habitação própria e de estabelecimento de núcleos familiares autónomos.

No seio desta contradição entre aspirações e frustrações, ou precisamente por causa dela, os jovens, como grupo – a juventude – têm vindo a adquirir um novo protagonismo político, cultural e simbólico no espaço público cabo-verdiano. Seja pela pressão que exercem no sistema educativo e no mercado de trabalho, seja pela grande visibilidade das suas práticas colectivas, formais ou informais, de cariz expressivo, desportivo ou comunitário, seja devido a novas opções estéticas, de consumo e de estilo de vida que assumem, seja pelo aumento da violência e da criminalidade praticada por jovens, ou simplesmente pela sua ostensiva e ociosa presença nas ruas e praças das cidades (Martins, 2009), os jovens tornaram-se o foco privilegiado das preocupações, do investimento e do controlo de muitos adultos e de muitas instituições.

A forte presença pública dos jovens relembra diariamente à sociedade cabo-verdiana o peso da sua juventude e a sua realidade. Nas pessoas mais velhas evoca imagens e discursos contraditórios, entre a esperança no futuro e a crise do presente, entre medos e projectos – a toxicodependência, o alcoolismo, a prostituição, as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce, a criminalidade e a delinquência.

Neste contexto verificou-se, na década de 2000-2010, um incremento exponencial da visibilidade dada pelos meios de comunicação à criminalidade violenta em Cabo Verde, principalmente àquela protagonizada por jovens residentes nas zonas periféricas dos maiores centros urbanos. Nas cidades generalizou-se o medo aos assaltos, que ganharam

recentemente uma designação local conhecida por todos, o *Caçu-body*¹². O sentimento de insegurança alastrou de forma transversal nos contextos urbanos, dos centros às periferias, entre crianças, jovens e adultos, das classes mais privilegiadas às mais desfavorecidas, instalando-se um clima de medo contagiante, mesmo que grande parte da população nunca tenha sido alvo de crime ou de violência. Neste quadro os discursos, sejam políticos, mediáticos ou do quotidiano, tornaram-se cada vez mais extremados, favorecendo abertamente uma punitividade severa, em particular para com os jovens “irresponsáveis” e “imorais”, transformados em símbolos máximos de uma crise social que assolaria o país.

Com efeito, no decurso dos últimos anos a generalização deste conjunto de representações e de medos associados à juventude tem tido efeitos muito concretos na sociedade cabo-verdiana, em particular nas formas de gestão da marginalidade. O aspecto mais visível dessa transformação tem sido o aumento da repressão policial, com a criação de “Piquetes de Intervenção” policial e das “Brigadas Anti-Crime” com uma abordagem de “tolerância zero” para com os jovens infractores¹³, que tem por efeito uma criminalização das culturas juvenis.

Estas imagens de crise social convocam por sua vez um discurso moralizador sobre a juventude: dos jovens é esperado um comportamento “responsável”, exigido um empenho pessoal (escolar, laboral, familiar) e cívico (cidadania, voluntariado, protecção do ambiente) e uma moralidade social (respeito pelos mais velhos, pelas instituições, pelas hierarquias) e sexual (essencialmente as meninas devem evitar a natural sedução masculina (Guifré, 2005)). Por conseguinte em Cabo Verde a juventude parece representar tanto a esperança no futuro – e por isso são o grupo-alvo do investimento de instituições e da retórica política – como os medos do presente – tomados como a manifestação do que está errado na

¹² Crioulização da expressão em inglês *cash or boby*.

¹³ José Maria Neves prometeu hoje, no discurso de abertura do Fórum Nacional de Consenso por uma cultura de paz e tolerância, endurecer as medidas de coacção na luta contra o crime. No seu discurso, o primeiro-ministro afirmou que os organismos repressivos deverão “adoptar uma política de tolerância zero” em relação àqueles “que já enveredaram pela via da delinquência e da criminalidade”, prometendo ainda que está a ser “equacionada a revisão alargada do Código do processo penal” de forma a agilizar “alguns instrumentos”, garantindo igualmente que o vão ser “estabelecidos prazos de julgamento especialmente apertados” para crimes que se relacionados com a violência. Para o líder do governo os níveis de violência que hoje se verificam em Cabo Verde “estão relacionados com a rápida e acentuada desresponsabilização individual para com a família, a comunidade e a sociedade”. Em *Expresso das Ilhas*, 28/4/2010, “Primeiro-ministro endurece discurso contra criminosos” (<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/pt/noticias/detail/id/16837>, acesso em 30 Abril 2010).

sociedade, foco de pânico moral e alvo de controlo social e de críticas e exigências morais, cívicas e sexuais.

Construindo percursos de vida

Face a este lugar paradoxal e marginal ocupado pela juventude em Cabo Verde, importa compreender como experimentam os jovens estes constrangimentos e contradições no quotidiano e como constroem a partir deles os seus percursos de vida.

A Denise é uma jovem que reside na periferia do Mindelo e está à procura de emprego...

A Denise terminou o ensino secundário há 2 anos e ainda não encontrou nenhum emprego.

Mas ela por precisar muito de emprego nunca desiste, desta vez ela foi inscrever-se no Centro de Emprego de Mindelo para ver se desta vez tem alguma sorte...

Embora não tenha encontrado nenhuma formação que levasse à sua “área” teve de ficar sem o que ela gosta de fazer mas que lhe possa ajudar por enquanto. Ela decidiu fazer uma formação de enfermagem e vai tentando levar.

Por falta de opção ela teve de se adaptar ao que tinha, mas não desiste nunca de um dia fazer o que realmente quer e gosta... Pois a esperança é a última coisa a morrer.

Passado um tempo ela terminou a sua formação e ela foi logo enquadrada no Centro de Saúde onde começou a exercer a profissão de enfermeira...

Mas é claro que ela nunca desistiu de fazer o que realmente ela queria que seria engenharia. Embora trabalhasse como enfermeira ela sempre tentava algo que lhe levasse de facto à sua área de engenharia. Pois como dissemos antes, a esperança é a última a morrer!

A Erica é uma jovem que reside na periferia do Mindelo e está à procura de emprego...

Ela tem 19 anos e já tem 2 filhos cada um com um pai.

Entretanto nenhum dos pais dos seus filhos ajuda-a com os filhos. Ela desesperada começou vendendo drops e outras guloseimas na rua. O pouco dinheiro que ela tira da venda não lhe ajuda muito com as muitas despesas que tem e começa pensando no que vai fazer para sustentar os filhos.

Sustentar os filhos sem trabalho, sem os pais dos seus filhos, a vida está muito difícil.

A Erica encontra um homem que gosta realmente dela mesmo não sendo o pai dos filhos dela, a ajuda a sustentar os filhos e mais as despesas da casa.

Mas o problema é que este homem também tem sua família, isto é, tem uma mulher e filhos...

...E a relação acaba por chegar ao fim e a Erica vê-se de novo com o mesmo problema e ela decide pedir ajuda a uma tia que lhe aconselha a colocar os filhos no Centro Nhô Djunga [centro de acolhimento e formação profissional de crianças e adolescentes pobres ou abandonados] e procurar emprego. Ela decidida a dar uma vida melhor aos filhos segue o conselho da tia e começa procurando emprego, bate em todas as portas e não desiste...

As vidas da Denise e da Erica não são reais, mas poderiam sê-lo. As suas histórias foram criadas por um grupo de jovens meninas¹⁴ num dos centros juvenis da associação a partir da qual foi desenvolvida a pesquisa etnográfica. Como técnica de pesquisa, foi pedido a estas jovens para criarem uma história para cada personagem a partir da mesma frase inicial. No final todas concordaram que estas seriam histórias realistas, vidas que poderiam existir de facto no Mindelo.

Entre a escola e o trabalho

As histórias de Erica e Denise demonstram bem a necessidade que os jovens têm de encontrar trabalho e a falta de oportunidades para tal. O percurso de Denise em particular evoca o percurso de um crescente número de jovens com educação secundária completa que aspira a obtenção de qualificações superiores e a uma realização profissional na “área” da sua preferência, mas que dificilmente os atingem, tendo de “adaptar-se ao que tem”, ou seja, ao desemprego prolongado, a trabalhos pontuais e precários, ou a profissões que não vão de encontro aos seus desejos. Histórias como a de Denise não são raras entre os jovens das periferias do Mindelo, como a de Maria¹⁵, de 21 anos (em Janeiro de 2009), com 12º ano de escolaridade, a viver actualmente com o pai, 3 irmãos mais velhos e 2 sobrinhas e a trabalhar como auxiliar num centro juvenil.

[Tu queres estudar na universidade?]

Eu acho que sim, eu quero.

[Porque é que ainda não foste?]

¹⁴ Um grupo de cerca de 8 meninas, entre os 14 e os 22 anos de idade, todas residentes na zona da Ribeira de Craquinha, periferia da cidade do Mindelo. Este grupo formou-se em torno de uma “sala das meninas” criada no centro juvenil para acolher iniciativas femininas. A actividade deste grupo foi sempre muito inconstante.

¹⁵ Para proteger a privacidade dos informantes todos os nomes são fictícios.

Hum... não sei. Às vezes é falta de... Tenho vontade de dar um tempo, terminei a escola e quis dar um tempo... e eu não tenho muito apoio assim para a coisa... o meu pai é que nos criou a todos (...)

[Passaste alguma necessidade ou sempre conseguiram ter...?]

Sim, sempre as minhas irmãs ajudam. Eu tenho muita família fora, a maioria da minha família está fora. Eles querem ajudar-me, agora eu estou à espera.

[Precisavas da ajuda para a universidade?]

Sim.

Também o percurso de Lourenço, de 27 anos, revela de forma clara as dificuldades de acesso à educação e ao trabalho de muitos jovens do Mindelo. Para poder frequentar o único curso de Psicologia disponível na cidade, numa universidade privada, Lourenço trabalhou durante dois anos, 8 horas por dia, 7 dias por semana, numa empresa de segurança. Mesmo assim o salário de 1 mês não chegava para pagar a propina mensal e ele tinha poucas possibilidades de apoio de familiares. Numa reunião em que a Directora Geral da Juventude (do Ministério da Juventude e Desportos) se deslocou à cidade do Mindelo com o propósito de consultar os jovens sobre as suas necessidades, Lourenço expôs o seu caso ressaltando o desfasamento entre os salários praticados e o preço das propinas no ensino superior. Questionando directamente a directora sobre os apoios que poderia esperar da parte do Estado para continuar a estudar, esta respondeu peremptoriamente que ele não mereceria qualquer apoio visto ser um “privilegiado” por já frequentar a universidade. Actualmente Lourenço suspendeu a sua matrícula na universidade e dedica-se a acções de voluntariado enquanto procura um novo emprego.

Articulando família e mobilidade

A história de Erica apresenta uma outra realidade, também frequente, nomeadamente a de muitos jovens que têm filhos mas que não chegam estabelecer relacionamentos estáveis com os seus companheiros nem conseguem construir novos núcleos familiares. Com efeito no Mindelo a parentalidade na juventude está muitas vezes desfasada de outras transições importantes no percurso dos jovens para a idade adulta, como a conclusão dos estudos, a entrada no mercado de trabalho formal, a residência numa habitação própria ou a construção de um núcleo familiar autónomo. Neste contexto a

parentalidade, embora possa ser assumida como um marco simbólico de transição para a vida adulta, contribui para aumentar ainda mais a dependência dos jovens face aos seus pais ou outros familiares, especialmente no caso das jovens mães, culturalmente mais responsabilizadas pelo cuidado dos filhos.

Nestes casos, como mostra a história de Erica, a necessidade de encontrar um trabalho – e a assumpção dessa responsabilidade – é ainda maior, podendo levar muitos jovens a sujeitar-se a trabalhos informais e precários, a desistir do seu percurso escolar ou mesmo a abandonar a cidade ou o país em busca de mais oportunidade de emprego. Nestes casos, é prática recorrente os seus filhos serem confiados ao cuidado das avós, principalmente as maternas, enquanto os jovens buscam fora de casa recursos para sustentar não só os seus filhos mas também os seus pais. Assim perpetua-se um padrão tradicional de negociação entre gerações, em que os núcleos familiares são preferencialmente organizados em torno da descendência em detrimento da aliança, reforçando os elos entre as gerações como forma de sustentabilidade e continuidade familiar, mesmo que tal implique o distanciamento geográfico de uma das gerações (Lobo, 2008; Rodrigues, 2007). O percurso de Flora, com 32 anos, o 9º ano de escolaridade, e que vive com a sua mãe e com a sua filha de 6 anos, ilustra bem este padrão:

Trabalhei numa clínica, depois num lugar de venda de gelados, depois numa pizzeria, depois com uma brasileira onde aprendi a fazer unhas, sempre em São Vicente. (...) Agora trabalho em casa a fazer unhas. Não dá para viver. Vivo com a minha mãe. Não consegui ter uma casa própria. (...) Mamã diz que para eu sair tenho de viajar, ir ter com os meus irmãos, fazer a minha vida. Mas parece que agora temos de sair (...). Porque agora chegou a idade para ir trabalhar mesmo e conseguir tudo o que eu quero, não é? E se eu sair a minha mãe não pode ficar na casa ela só, porque ela não sabe ler. Então ela vai para a América, ter com o meu irmão. Está meio certo. Para ela ir eu tenho de estar lá, porque tenho 2 irmãos no Luxemburgo, então eu tenho que ir primeiro, depois é que ela vai, para depois vermos o que vamos fazer com a casa, e essas coisas. Mas não quero muito... Vou porque aqui não posso arranjar um trabalho assim para poder sustentar a mim mais a minha filha, uma casa. Eu vou primeiro e depois a minha filha vai. Entretanto fica com a sua avó de banda de pai. (...) Estou arrependida de não ter estudado, tinha tido muitas chances de estudar mas... Nunca consegui ter dinheiro para pagar a escola de noite [escola privada].

Desejos certos e futuros incertos

Os finais das histórias de Denise e Erica revelam ainda outro aspecto importante. Ambas as histórias terminam em aberto, na indefinição e na espera. Tanto Erica como Denise não parecem ter certezas claras nem estratégias definidas face ao futuro. Porém nunca desistem e continuam a acreditar que irão atingir os seus objectivos, realizar os seus sonhos – mesmo que os recursos que possuem para tal não sejam mais do que a persistência e a esperança.

A pesquisa etnográfica realizada revelou que muitos jovens do Mindelo apresentam semelhanças com as histórias de Denise e Erica quando se projectam no futuro, com certezas nos seus sonhos mas incertos quanto aos seus percursos. Os dados quantitativos obtidos através do inquérito exploratório realizado com uma amostra alargada de jovens da cidade¹⁶ são coerentes com estas observações. Os resultados revelam que os jovens têm ideais de realização futura genericamente elevados. Uma larga maioria dos inquiridos aspira a carreiras profissionais estáveis e qualificadas (professores e educadores, médicos, engenheiros, psicólogos e advogados) e espera auferir salários médios confortáveis face ao contexto socioeconómico de Cabo Verde, entre os 20.000\$00cv¹⁷ e os 50.000\$00cv (32,1%) ou entre os 50.000\$ a 100.000\$00cv (44,6%). No plano familiar 82,9% dos inqueridos deseja ter filhos e, embora o casamento em Cabo Verde seja muito pouco frequente, 62,8% manifesta também o desejo de vir a casar. Sobre a residência os resultados são claros, com uma expressiva maioria de jovens (97,8%) a aspirar residir numa habitação própria, e de preferência em Cabo Verde. Com efeito, contrariando o tradicional *ethos* emigratório da sociedade cabo-verdiana, apenas 13,8% dos inquiridos deseja residir no estrangeiro no futuro, embora a emigração seja ainda uma alternativa considerada por muitos para obter trabalho e melhorar o nível de vida quando no país todas as oportunidades são esgotadas. Porém, para concretizar as suas aspirações a confiança dos jovens na via da educação formal é preponderante: 65,4% espera que a conclusão do ensino superior lhes permita realizar os seus objectivos de futuro e 41% confia na formação profissional¹⁸. Outras estratégias aparecem como menos importantes mas ainda assim expressivas: 13,3% espera o apoio de pessoas conhecidas no ramo profissional que escolherem, 12,2% conta com a ajuda de familiares e 11,2% confia na sorte.

¹⁶ Amostra de 197 jovens entre os 16 e os 35 anos de idade frequentadores de várias instituições educativas e juvenis da cidade do Mindelo.

¹⁷ 110\$00cv = 1€ = 2,34 BRL

¹⁸ Esta questão permitia a selecção de uma ou mais opções de resposta.

As narrativas biográficas recolhidas entre os jovens das periferias da cidade demonstram também estas tendências, articulando nos seus discursos as contradições entre as aspirações que têm e as oportunidades que vislumbram para as realizar. A título de exemplo serão retomados os testemunhos de Maria e de Flora e apresentado também o de Mac, um rapaz de 23 anos, com o 6º ano de escolaridade, actualmente desempregado, que vive com a mãe e que tem o pai emigrado nos EUA.

Maria

[Tens algum sonho ou algum objectivo já pensado?]

Ainda não, tenho de pensar (risos).

[Como achas que daqui a 10 anos vai estar a tua vida?]

Nunca pensei nisso, espera... Eu acho que quando tiver 31 anos tenho um filho. Deixa-me ver, já moro na minha casa, já tenho um emprego ou uma profissão. É isto que eu quero, mas não sei se vou conseguir realizar.

[Achas possível viver noutro país, ou queres ficar aqui?]

Eu gostava de ficar aqui, pronto, se eu achar oportunidade para estudar, eu quero ficar aqui na minha terra... mas se eu não achar oportunidade para estudar eu acho que é melhor sair fora.

Flora

[Como será a tua vida daqui a 10 anos?]

Vou estar com a minha casa, com o meu marido, com os meus filhos; mais só um filho, com o meu trabalho fixo. Gostava de fazer música, tocar e ensinar, porque eu gosto de ensinar tudo o que sei fazer.

(...)

[O que é tu achas que pode ser um obstáculo para atingires esses objectivos?... O que é que te tem dificultado a vida?]

A escola que eu não fiz. (...) Tinha de ir para uma escola de música.

[Mas para isso tinhas de encontrar um trabalho?]

Claro. Mas vou tentar fazê-lo lá, no Luxemburgo.

[Mas quando pensas na tua vida no futuro é aqui ou lá?]

Lá.

[Achas que já não vais voltar a Cabo Verde tão cedo?]

Para falar verdade acho que não vou voltar para Cabo Verde por um bom tempo, porque tenho tios que têm já 30 e tal anos lá e ainda não voltaram. Mas eu não sei, não sei.

Mac

[E daqui a 10 anos como é que tu achas que vai estar a tua vida?]

Eu acho que a minha vida vai estar “drêt”... com um rumo, já tenho como um rumo na vida.

[Achas que vais estar aqui em São Vicente ou na América?]

Isso eu não sei dizer, acho que posso estar lá ou posso estar aqui, mas vou continuar a lutar, lá ou aqui... continuar a pensar.

[Já vais ter filhos?]

Eu acho que sim.

[Quantos é que gostavas de ter?]

Três, quatro, mais nada.

[E vais querer estar na tua casa ou...?]

Claro, eu vou estar na minha própria casa, eu mais os que eu “crê tcheu”, tem de ser a mãe dos meus filhos.

[Queres estar junto de uma mulher?]

Sim, eu quero construir uma família só, não quero construir uma família lá outra aqui.

[Mas tu imaginas-te a casar?]

(...) eu quero ter uma pessoa comigo, eu quero casar... quero ter uma responsabilidade também, de casar com ela, porque... eu não sei mas gostava ter uma pessoa ao meu lado para o resto da minha vida, para estar comigo assim “drêt”, para nós ficarmos juntos assim, para ficarmos muito tempo juntos.

Se as aspirações dos jovens são ambiciosas, as suas expectativas reais de futuro parecem contudo ser menos claras e os seus recursos para as atingir mais precários. Como foi descrito anteriormente, as crescentes aspirações da maioria dos jovens do Mindelo confrontam-se com constrangimentos vários no acesso a recursos (educativos, laborais, de consumo, apoios sociais) que lhes permitam planear com um relativo grau de certeza os seus percursos biográficos futuros. Estes constrangimentos afectam ainda com mais intensidade os jovens das camadas mais empobrecidas da população, que grosso modo habitam nas zonas periféricas da cidade do Mindelo. Nestes casos é a incerteza que ganha espaço e o caminho para uma realização futura passa menos por planos e estratégias concretas e mais por uma vaga ideia de “luta” e pelo sentimento de esperança que, diz-nos a história de Denise, é “a última a morrer”.

Do paradoxo das oportunidades ao paradoxo das gerações

O paradoxo das oportunidades aqui descrito leva a que em Cabo Verde as aspirações dos jovens actuais sejam, num mesmo tempo histórico, ampliadas e logo confrontadas com o fracasso, e que nesse mesmo processo a juventude se torne um grupo social ao mesmo tempo com uma identidade autónoma e relevante no contexto nacional mas também um foco privilegiado de críticas, medos e exigências moralizadoras por parte das gerações precedentes, à qual é reservado um lugar social e simbólico marginal. Sob este prisma o paradoxo das oportunidades aqui analisado deixa entrever na sua raiz um outro paradoxo presente na sociedade cabo-verdiana, um paradoxo de natureza histórica e geracional.

Com efeito a geração agora adulta, que viveu a sua juventude durante as transformações do período da luta pela independência nacional e que assumiu os desafios do pós-independência, conseguiu abrir rapidamente Cabo Verde às influências económicas e culturais globais das últimas 3 décadas e, por consequência, logrou ampliar efectivamente o campo das possibilidades (educativas, económicas, sociais) no país. Paralelamente, em consonância com as transformações que se foram operando ao longo desse percurso, esta geração foi consolidando um modelo preferencial de mobilidade social pela via da educação formal e do trabalho assalariado. Assim, na actualidade a relação entre as gerações jovem e adulta encontra-se definida por este modelo sociocultural que valoriza o sucesso individual com base na acumulação de capital económico essencialmente através da acumulação de capital cultural (Bourdieu, 1999). Este torna-se o quadro de referências e de estratégias que a geração adulta tem para oferecer à juventude e que espera que seja assumido e perpetuado pelos jovens.

Esta linha de análise permite compreender o paradoxo das oportunidades à luz das relações geracionais. Não porque se configure em Cabo Verde um quadro de conflito de gerações. A pesquisa realizada revela que aos jovens interessa pouco opor-se ou resistir aos valores e aos ideais instituídos pelas gerações anteriores. Pelo contrário, a sua maioria identifica-se com a generalidade dos valores e das instituições do mundo “adulto” e apropria-se deles. Mas é exactamente por isso que o paradoxo das oportunidades ganha uma dimensão geracional.

O contexto actual em Cabo Verde legitima tanto o crescimento das aspirações dos jovens como o crescimento das exigências dos adultos, mas paradoxalmente não oferece condições objectivas para a realização de nenhuma delas – as aspirações de uns e as exigências de outros. No actual contexto de fragilidade socioeconómica do país a mobilidade

social ascendente – ou mesmo a manutenção do estatuto social de origem – já não é garantida pela aquisição de capital cultural, configurando-se assim um quadro de incerteza generalizada face ao futuro que afecta em particular os jovens. Desta forma a relação entre as gerações em Cabo Verde parece estar ancorada num engano, sem um substrato material que permita fundamentar e levar à prática as posições de ambos. E é exactamente devido a esse engano que se perpetua este desencontro entre aspirações, exigências e oportunidades de realização.

Considerações finais: ambiguidade, incerteza e esperança

O paradoxo das oportunidades coloca os jovens no centro das contradições estruturais, geracionais e históricas da sociedade cabo-verdiana e exige deles um complexo papel de mediação – entre passado e futuro, tradição e modernidade, projectos e exigências, sonhos e receios (Martins, 2009). Em Cabo Verde, como aliás noutros lugares do mundo globalizado, parece estar reservado aos jovens um lugar contraditório e marginal, marcado pela ambiguidade, fruto da crescente dificuldade de efectuarem as transições para o estatuto e para os papéis sociais de adultos através das vias formais – trabalho, família, habitação – instituídas pelo próprio mundo “adulto”. Consequentemente muitos jovens vêem assim prolongada indefinidamente a idade da juventude, experienciada como uma moratória social (Vigh, 2006) marcada pela incerteza.

Conhecendo e acompanhando diversos jovens no Mindelo foi possível compreender que este lugar sociológico paradoxal em que habitam é por muitos efectivamente internalizado, e as contradições descritas e a ambiguidade que delas resulta estão presentes nas suas visões de si e da sociedade e marcam a suas escolhas e percursos. Muitos jovens confirmam uma visão da juventude como irresponsável, preguiçosa e festiva e evocam o desejo de liberdade e de intensidade. Porém, ao mesmo tempo reivindicam e assumem responsabilidades, muitas vezes invisíveis ou desvalorizadas, como o empenho no estudo, o apoio à família e o envolvimento comunitário. Oscilam entre um desejo de permanecer jovens “em espírito” e o objectivo de atingir a autonomia da idade adulta, o mais das vezes marcada por dificuldades e frustrações. Desacreditam os políticos e criticam as instituições, mas apresentam uma capacidade de organização frágil e formas de reivindicação e intervenção superficiais e de curto alcance (Martins, 2009). Desejam uma casa própria, um emprego e uma família estável, mas deambulam entre trabalhos precários, estágios não

remunerados e (im)possibilidades de emigração. Experimentando relacionamentos de intimidade instáveis e desconfiados, oscilam entre o desejo e o orgulho de ter filhos e a incapacidade de os sustentar independentemente.

Assim, para muitos dos jovens do Mindelo, em especial para aqueles que habitam nas periferias pobres da cidade, os percursos de vida aparecem como uma trajetória incerta, de natureza labiríntica (Pais, 1999 e 2003), determinados de um lado pelos constrangimentos socioeconómicos do presente e de outro pelos ideais instituídos pelas gerações anteriores e pelas referências globais. Entre estes dois pólos os jovens oscilam entre a aspiração e a frustração, entre escolhas possíveis e sonhos impossíveis. Afinal, como nos mostram as histórias de Erica e Denise, os seus percursos são menos sobre planos e sucessos e mais sobre esperança. Porque parece que ser jovem nas periferias de Cabo Verde é sobretudo uma espera...

Referências

- AKESSON, L. *Making a Life. Meanings of migration in Cape Verde*. Goteborg: Goteborg University, 2004.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In ALICE, M.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª edição, 1999, pp. 71-79.
- CARLING, J. “Migration in the age of involuntary immobility: theoretical reflections and Cape Verdean experiences”. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2002, vol. 28, no. 1, p.5-42.
- GIUFFRÈ, M., “Being a woman in Ponta do Sol: renegotiation of Cape Verdean Women Identity through the ‘Prism’ of the Outside World”. Comunicação oral na *International Conference on Cape Verdean Migration and Diáspora*. Lisboa, CEAS-ISCTE, 2005.
- LAURENT, P.J.; FURTADO, C., “A Igreja Universal do Reino de Deus de Cabo Verde: Crescimento urbano, pobreza e movimento neopentecostal”. *Revista de Estudos Cabo-Verdianos*, 2008, no.2, p.31-54.
- LOBO, A. S. “A different kind of family. The Domestic Environment in Boa Vista Island, Cape Verde”. *Vibrant*, 2008, vol.5, no. 2, p.147-176.
- MARTINS, F. “The Places of Youth in Urban Cape Verde”. In CRUZ, F.; CRUZ, J.P. (orgs.) *Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural (Actas do VI Congresso Internacional)*. Porto: AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural, 2009.

PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 1999.

_____. “The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life”. *Journal of Youth Studies*, 2003, vol.6, no.2, p.115-126.

RODRIGUES, I. P. B. F. “As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática”. In GRASSI, M.; ÉVORA, I. (eds.) *Género e Migrações Cabo-Verdianas*. Lisboa: ICS, 2007, p.123-146.

VIGH, H. *Navigating Terrains of War. Youth and Soldiering in Guinea-Bissau*. New York: Berghahn Books, 2006.

RECEBIDO EM 10 DE FEVEREIRO DE 2011.

APROVADO EM 20 DE MARÇO DE 2011.